

B

ANTONIO FRANCISCO BARATA

N.º 10.7/10  
R.º 5.999

# Epigraphia dos Lusiadas



ELVAS

EDITOR—ANTONIO JOSÉ TORRES DE CARVALHO

1907

11. 7. 1863

~~C. C. A. 96~~

B  
10.8/10

ANTONIO FRANCISCO BARATA



# Epigraphia dos Lusiadas



N.º 5999

ELVAS

EDITOR—ANTONIO JOSÉ TORRES DE CARVALHO

1907

Tiragem 60 exemplares

ELVAS

**Typographia e Stereotypia Progresso**

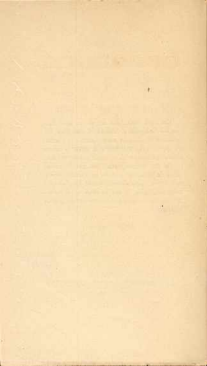
*Rua de Manoel Gomes Estella, 2-B*

**1907**

Em 1882 publicámos em Evora uma *Epi-graphia Camoneana*, citando 96 estrophes dos *Lusiadas*. Selectadas mais algumas no poema, em proveito dos que se dão a letras as damos á estampa hoje, mais de vinte annos volvidos.

As que citámos então, tomadas de outras obras do immortal solitario de Patane, omittimos agora, para sómente serem dos *Lusiadas* as apresentadas. A muitas mais se elevariam as colhidas em toda a obra litteraria do grande homem.

R  
M 1291





## Epigraphia dos Lusíadas

---

### Adulação

Vê que esses, que frequentam os reaes  
Paços, por verdadeira e sã doutrina  
Vendem adulação,.....

C. CANTO IX. ESTANCIA 27

### Agradecimento

Que o céo.....  
Pois que de ti taes obras recebemos,  
Te pague o que nós outros não podemos.

C. II E. 104

Onde quer que eu viver, com fama e gloria  
Viverão teus louvores em memoria.

C. II E. 105

## Alegria

Que alegria não pode ser tamanha  
Que achar gente visinha em terra estranha.

C. VII E. 27

## Ambição

Oh! maldito o primeiro, que no mundo  
Nas ondas velas pôz em secco lenho!

C. IV E. 102

## Ambicioso

Nenhum ambicioso, que quizesse  
Subir a grandes cargos, cantarei.

C. VII E. 84

## Ameaças

.....disse,  
.....

A mão na espada, irado e não facundo,  
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

C. IV E. 14

## Amor

A viva flamma, o nunca morto lume,  
Desejo é só que queima e não consume.

C. IX E. 31

## Amor filial

Tanta veneração aos paes se deve!

C. III E. 33

## Amor patrio

Vereis amor da patria, não movido  
De premio vil, mas alto e quasi eterno;  
Que não é premio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho meu paterno.

C. I E. 10

..... vereis um novo exemplo  
De amor dos patrios feitos valerosos  
Em versos divulgado numerosos.

C. I E. 9

Ditosa patria, que tal filho teve!

C. VIII E. 32

A's musas agradeça.....  
O muito amor da patria, que as obriga  
A dar aos seus na lyra nome, e fama.

C. V E. 99

## Amor do saber

Lia Alexandre a Homero, de maneira  
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

C. V E. 96

## Animação

Aqui, minha Calliope, te invoco  
 Neste trabalho extremo, por que em pago  
 Me tornes, do que escrevo e em vão pretendo,  
 O gosto de escrever, que vou perdendo.

C. X E. 8

Ora sus! gente forte, que na guerra  
 Quereis levar a palma vencedora.

C. VII E. 1

## Antiguidade

Que em tanta antiguidade não ha certeza.

C. III E. 29

## Armas e letras

N'ua mão sempre a espada, e n'outra a penna.

C. VII E. 79

Mas n'uma mão a penna, e n'outra a lança

C. V E. 96

## Audacia

Cesse tudo o que a Musa antiga canta  
 Que outro valor mais alto se alevanta.

C. I E. 3

## Auxilio

Dae vós favor ao novo atrevimento.

C. I E. 18

## Bastardos

Sempre foram bastardos valorosos  
Por letras, ou por armas ou por tudo.

C. IV E. 3—OMITTIDAS.

Ainda que bastardo, verdadeiro

C. IV E. 2

## Bonança

Depois de procellosa tempestade,  
Nocturna sombra, e sibilante vento,  
Traz a manhã serena claridade,  
Esperança de porto e salvamento.

C. IV E. 1

## Calamidade

Ouçam todos o mal, que toca a todos.

C. VI E. 15

## Calmaria

O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

C. II E. 110

## Camões

..... cuja lyra sonora  
Será mais affamada que ditosa.

C. X E. 28

## Canto

Melodia sonora e concertada,  
Suave a letra, angelica a toada.

C IX E. 30

Trabalhando, cantando estão de amores  
Varios casos em verso modulando.

## Causas

De não se ver nas causas segurança  
Creio se esquadrinhal-o bem quizesse  
Que em vez de saber mais endoucesse.

C. VI E. 95—OMITTIDAS

## Cemiterio

Está apontando o agudo cypariso  
Para onde é posto o ethereo paraíso.

C. IX E. 57

## Ciumes

Ditosa condição, ditosa gente,  
Que não são de ciumes offendidos!

C. VII E. 41

## Confiança

..... e assi caminha  
 Já mais seguro do que d'antes vinha.

C. VI E. 5

## Conquista Portugueza

Na quarta parte nova os campos ara;  
 E se mais mundos houvera, lá chegára.

C. VII E. 14

## Conselho

Que, posto que em scientes muito cabe  
 Mais em particular o experto sabe.

C. X E. 152

Os mais exp'rimentados levantae-os,  
 Se, com a experiencia tem bondade  
 Para vosso conselho; pois que sabem  
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.

C. X E. 149

## Coragem

Que eu só resistirei ao jugo alheio.

C. IV E. 18

## Cousa maravilhosa

Maravilha fatal da nossa idade.

C. I E. 6

## Culpas de amor

Parece de selvaticas brutesas,  
De peitos inhumanos e insolentes,  
Dar extremo supplicio pela culpa,  
Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.

C. X E. 46

## Dadivas de amor

..... as nymphas amorosas;  
De amor feridas, para lhe entregarem  
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

C. IX E. 41

## Decadencias

Vão os annos descendo, e já do estio  
Ha pouco que passar até o outono.

C. X E. 9

## Deos

É Deos; mas o que é Deos ninguem o entende;  
Que a tanto o engenho humano não se estende.

C. X E. 80

## Descendencia

Não nego que ha, comtudo descendentes  
.....  
Que com costumes altos e excellentes  
Sustentam a nobreza que lhes fica.

C. VIII E. 42

## Descuido

.....que nunca louvarei  
O capitão, que diga: não cuidei.

C. VIII E. 89

## Desejos

Pelas lisas columnas, lhe trepavam  
Desejos que como hera se enrolavam.

C. II E. 36

## Desengano

Oh que não sei de nojo como o conte!  
Que crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achei c'um duro monte  
De aspero mato, e de espessura brava.

C. V E. 56

O' nympha a mais formosa do Oceano,  
Já que minha presença não te agrada,  
Que te custava ter-me n'este engano,  
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?

C. V E. 57

## Desespero

Arde, morre, blasphema e desatina.

C. VI E. 6

## Desgostos

Os desgostos me vão levando ao rio  
Do negro esquecimento, e eterno somno.

C. X E. 9

## Desprezo de poesia

Sem vergonha o não digo, que a razão  
D'algum não ser por versos excellente,  
E' não se ver presado o verso, e rima,  
Porque, quem não sabe a arte, não a estima.

C. V E. 97

## Destino

Que se eu nasci obrigado ao meu destino  
Que mais me vale ser santo que mofino?

C. VI E. 97 OMITTIDA.

## Difficuldade

Materia é de cothurno e não de sócco.

C. X E. 8

## Dinheiro

Este rende munidas fortalezas;  
 Faz traidores e falsos os amigos:  
 Este, aos mais nobres faz fazer vilesas,  
 E entrega capitães aos inimigos:  
 Este corrompe virginaes purezas,  
 Sem temer de honra ou fama alguns perigos:  
 Este, deprava ás vezes as sciencias,  
 Os juizos cegando e as consciencias.

C. VIII E. 98

## Direito

Da feia tyrannia e de aspereza  
 Fazem direito e vã severidade;  
 Leis em favor do rei se estabelecem,  
 As em favor do povo só perecem.

C. IX E. 28

## Disciplina militar

A disciplina militar prestante  
 Não se aprende, Senhor, na phantasia  
 Sonhando, imaginando ou estudando,  
 Se não vendo, tratando, e pelejando.

C. X E. 153

## Engano

..... é bem achado  
 Que quem quer enganar fique enganado.

C. II E. 81 OMITTIDA.

## Experiencia

Melhor é exp'riental-o, que gosal o,  
Mas julgue-o quem não pode exp'riental-o.

C. IX E. 83

Respondo só que a longa experiencia  
Enleia muitas vezes a sciencia.

C. VI E. 101 OMITTIDA.

..... pois que sabem  
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

C. X E. 149

Que posto que em scientes muito cabe  
Mais em particular o experto sabe.

C. X E. 152

## Façanhas

Digno feito de ser no mundo eterno,  
Grande no tempo antigo, e no moderno!

C. VIII E. 35

Feitos farão tão dignos de memoria  
Que não caibam em verso, ou larga historia.

C. X E. 71



## Fama

Oh gloria de mandar! oh vã cobiça  
D'esta vaidade a quem chamamos fama!

C. IV E. 95

## Ferimentos de amor

Formosas nymphas são as que curavam  
As chagas recebidas, cuja ajuda  
Não somente dá vida aos mal feridos  
Mas põe em vida os ainda não nascidos.

C. IX E. 32

## Fidalguia

Não nego que ha comtudo descendentes  
De generoso tronco e casa rica  
Que com costumes altos e excellentes  
Sustentam a nobreza que lhes fica.

C. VIII E. 42

## Fidelidade

Determina de dar a doce vida  
A troco da palavra mal cumprida

C. III E. 37

## Filhos dignos

Que de tal pae tal filho se esperava,

C. III E. 28

**Fortes**

(Vidê *Patria.*)

**Fortuna**

Na patria onde propheta ninguem é.

C. X E. 119

**Fraquesa**

Que é fraquesa entre ovelhas ser leão

C. I E. 68

Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.

C. IX E. 80

Não tornes por detraz, pois é fraqueza  
Desistir da cousa começada.

C. I E. 40

**Gloria**

Mais razão ha que queira eterna gloria  
Quem faz obras tão dignas de memoria.

C. II E. 113

Não me mandas contar extranha-historia  
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

C. III E. 3

## Gosto de escrever

..... porque em pago  
 Me tornes do que escrevo o em vão pretendo  
 O gosto de escrever, que vou perdendo.

C. X E. 8

## Gratidão

Onde quer que eu viver com fama e gloria  
 Viverão teus louvores em memoria.

C. II E. 105.

## Guerra

Já blasphema da guerra e mal dizia  
 O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

C. I E. 90.

Alguns vão maldizendo e blasphemando  
 Do primeiro que a guerra fez no mundo.

.....

Deixando tantas mães, tantas esposas  
 Sem filhos, sem maridos, desditosas.

C. IV E. 44.

## Heroismo portuguez

Vistes, com que grandissima ousadia  
 Foram já commetter o céo supremo;  
 Vistes aquella insana phantasia  
 De tentarem o mar com vela e remo;  
 Vistes, e ainda vemos cada dia  
 Soberbas e insolencias taes, que temo  
 Que do mar e do céo em poucos annos  
 Venham deoses a ser, e nós humanos.

C. VI E. 29.

## Honras

Porque essas honras vãs, esse ouro puro,  
 Verdadeiro valor não dão á gente:  
 Melhor é merecel-os sem os ter,  
 Que possuil-os sem os merecer.

C. IX E. 93.

## Hypocrisia

O falso deos adora o verdadeiro.

C. II E. 12.

## Ignorancia

(Vide *Despreso*).

## Immortalidade

E outros em quem poder não teve a morte.

C. I E. 14.

E lá vos tem logar no fim da idade  
No templo da suprema eternidade.

C. I E. 17.

### Impassibilidade

A nada disto o bruto se movia.

C. V E. 28.

### Inconstancia

Que assim vae alterando o tempo iroso  
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.

C. IV E. 51.

Quem viu sempre um estado deleitoso?  
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?

C. IV E. 51.

### Ingratidão da patria

..... não bastava  
Que tamanhas miserias me cercassem,  
Se não que aquelles, que eu cantando andava,  
Tal premio de meus versos me tornassem...

C. VII E. 81.

Vede, Nymphas minhas, que engenhos de  
senhores,

O vosso Tejo cria valerosos,  
Que assim sabem prezar com taes favores,  
A quem os faz cantando gloriosos!  
Que exemplos a futuros escriptores,  
Para aspertar engenhos curiosos,  
Para pôrem as cousas em memoria,  
Que merecerem ter eterna gloria!

C. VII E. 82.

### Inimigos

Aos infieis, Senhor, aos infieis.

C. III E. 45.

### Interesse

No peito vil o premio póde e val.

C. VIII E. 94.

### Inveja

Que nunca tirará alheia inveja  
O bem que outrem merece...

C. I E. 39.

### Juizo de Deos

Occultos os juizos de Deos são!

C. X E. 38.

## Justiça

..... a victoria verdadeira  
É saber ter justiça nua e inteira.

C. X E. 58.

## Laços de amor

Mas quem póde livrar-se por ventura  
Dos laços, que amor arma brandamente?

C. III E. 142.

## Leis

Leis em favor do rei se estabelecem  
As em favor do povo só perecem.

C. IX E. 28.

## Lingua portugueza

E na lingua, na qual quando imagina  
Com pouca corrupção crê que é latina.

C. I E. 33.

## Elsonja

Nenhum ambicioso, que quizesse  
Subir a grandes cargos, cantarei.

C. VII C. 84.

## Louvor

Quão doce é o louvor, a justa gloria  
Dos proprios feitos, quando são soados!

C. V E. 92.

Da bocca dos pequenos sei comtudo,  
Que o louvor sac ás vezes acabado.

C. X E. 154.

Que outrem possa louvar esforço alheio,  
Cousa é, que se costuma e se deseja;  
Mas louvar os meus proprios, arreceio  
Que louvor tão suspeito mal me esteja.

C. III E. 4.

..... nunca louvarei  
o capitão que diga: «Não cuidei.»

C. VIII E. 89.

## Madrugada

Iam-se as sombras lentas desfazendo  
Sobre as flôres da terra em frio orvalho.

C. II E. 92.

## Malicia

Que onde reina a malicia, está o receio,  
Que a faz imaginar no peito alheio.

C. II E. 9.

**Manhã**

A matutina luz suave e fria  
As estrellas do polo já apartava.

C. III E. 45.

Veio a manhã no céu pintando as côres  
Da pudibunda rosa e roxas flôres.

C. IV E. 75.

**Mar tranquillo**

O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

C. II E. 110.

**Medo**

Que nos perigos grandes o temor  
E' maior muitas vezes que o perigo.

C. IV E. 29.

Arripiam-se as carnes, e o cabelo  
A mim, e a todos só de ouvil-o e vel-o.

C. V E. 40.

**Menospreso**

..... segundo  
Se vê, ninguém já tem menos valia,  
Que quem, com mais razão, valer devia.

C. VI E. 33.

**Mentira**

Tambem nestas palavras lhe mentia.

C. I. E. 102.

Negam o rei e a patria, e se convem  
Negarão (como Pedro) o Deos que tem.

C. IV E. 13.

**Miscellanea**

..... aqui vereis presente  
Cousas que juntas se acham raramente.

C. X E. 154.

**Modestia**

(Veja *Louvor*).

**Morte**

Seccas do rosto as rosas e perdida  
A branca e viva côr, co'a doce vida.

C. III E. 134.

**Musica**

Melodia sonora e concertada  
Suave a letra, angelica a toada.

C. IX E. 30.

**Mysterio**

Vejam agora os sabios na escriptura  
Que segredos são estes da natura.

C. V E. 22.

**Necessidade**

Que por se sustentar em toda idade  
Tudo faz a vital necessidade.

C. VIII E. 63.

**Nobresa**

(Vide *Fidalguia*).

**Não mar**

Não vimos mais, enfim, que mar e céu.

C. V E. 3.

**Nome illustre**

Que o nome illustre a um certo amor obriga.

C. II E. 58.

**Novo rei**

Torne-vos vossas forças o rei novo,  
Se é certo, que co'o rei se muda o povo.

C. IV. E. 17.

**Nos polos**

..... onde inda se não sabe  
Se outra terra começa, ou mar acabe.

C. V E. 14.

**Occasião**

Porque sempre por via irá direita  
Quem do opportuno tempo se aproveita.

C. I E. 76.

**Offerecimento**

Para servir-vos, braço ás armas feito;  
Para cantar-vos, mente ás musas dada.

C. X E. 155.

**Paes**

Tanta veneração aos paes se deve!

C. III E. 33.

**Pareceres**

Que sempre houve entre muitos differenças.

C. IV E. 12.

**Patria**

Esta é a ditosa patria minha amada.

C. III E. 21.

Que toda a terra é patria para o forte.

C. VIII E. 63.

## Pecegos

O pomo que da patria Persia veio  
Melhor tornado no terreno alheio.

C. IX E. 58.

## Perseverança

(Vide *Fraqueza*).

## Perpetuidade

Em quanto os rios para o mar correrem.

C. II E. 84.

## Poder

Que quem quiz sempre poude.

C. IX E. 95.

## Poetas

Só para fazer versos deleitosos  
Servimos.

C. X E. 82.

**Pomos**

Os formosos limões alli cheirando,  
Estão virgineas têtas imitando.

C. IX E. 56.

**Portugal**

Eis aqui, quasi cume da cabeça  
De Europa toda o reino Lusitano;  
Onde a terra se acaba e o mar comêça.

C. III E. 20.

Esta é a ditosa patria minha amada.

C. III E. 21.

**Portuguezes**

Não vos hão de faltar, gente famosa  
Honra, valor e fama gloriosa.

C. X E. 74.

**Praser de amor**

Que mais caro que as outras dar queria  
O que deu para dar-se a natureza.

C. IX E. 76.

Amando cousas, que nos foram dadas,  
Não para ser amadas, mas usadas.

C. IX E. 25.

## Premio

Mas falta-lhes pincel, faltam-lhe as côres,  
Honra, premio, favor, que as artes criam.

C. VIII E. 39.

O favor com que mais se accende o engenho,  
Não o dá a patria, não. . .

C. X E. 145.

## Presagios

Que o coração presago nunca mente.

C. I E. 84.

## Proclamação

Ouçam todos o mal, que toca todos.

C. VI E. 5.

## Promessas

Encheram-me com grandes abundanças  
O peito de desejos, e de esperanças.

C. V E. 54.

## Propheta

(Vide *Fortuna*).

**Protecção**

Dae vós favor ao novo atrevimento.

C. I E. 18.

**Publicidade**

Cantando espalharei por toda a parte  
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

C. I E. 2.

**Rancor**

Arde, morre, blasphema, e desatina.

C. VI E. 6.

**Razões**

(Vide *Impossibilidade*).

**Recompensas**

(Vide *Ingratidão da patria*).

**Rei**

Oh quanto deve o rei, que bem governa,  
De olhar que os conselheiros, ou privados,  
De consciencia, e de virtude interna,  
E de sincero amor sejam dotados!

C. VIII E. 54.

**Religioso**

Que o bom religioso verdadeiro  
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

C. X E 150.

**Respeito aos paes**

(Vide *Paes*).

**Saber**

Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiencia misturado.

C. X E. 154.

**Saudade**

Sempre suspirará por tal alumno.

C. VIII E. 32.

**Segredos**

(Vide *Mysterio*).

**Semrasão**

Quem faz injuria vil, e semrazão,  
Com forças e poder, em que está posto,  
Não vence; que a victoria verdadeira  
E' saber ter justiça nua e inteira.

C. X E. 58.

## Sepultura

Quão facil é ao corpo sepultura!

C. V E. 83.

## Semelhança

Trombeta de seu pae, e seu correio.

C. VI E. 16.

## Socorro

Acude, e corre, pae, que se não corres  
Pode ser que não aches quem soccorres.

C. III E. 105.

## Temor

(Vide *Medo*).

Tudo temia, tudo em fim cuidava.

C. VIII E. 86.

## Tempestade

A noute negra e feia se alumia  
Co'os raios, em que o polo todo ardia.

C. VI E. 76.

Uma nuvem, que os ares escurece,  
Sobre nossas cabeças apparece.

C. V E. 37.

Que os ventos, mais que nunca impetuosos,  
Começam novas forças a ir tomando,  
Torres, montes, e casas derribando.

C. VI E. 37.

## Tempo

(Vide *Occasião*).

## Terror

Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo  
E junto de um penedo outro penedo.

C. V E. 56.

## Trabalho

..... as cousas arduas e lustrosas  
Se alcançam com trabalho e com fadiga.

C. IV E. 78.

## Traição

..... também aos portuguezes  
Alguns traidores houve algumas vezes.

C. IV E. 33.

Como? da gente illustre portugueza.

.....  
Ha de sair.....

Quem negue a fé, o amor; o esforço e arte  
De Portuguez?

C. IV E. 15.

**Valentia**

Derriba, fere, mata, e põe por terra.

C. I E. 88.

**Valia**

..... ninguem já tem menos valia,  
Que quem com mais razão valer devia.

C. VI E. 33.

**Valor**

Quem valorosas obras exercita,  
Louvor alheio muito e experta e incita.

C. V E. 92.

Cesse tudo o que a musa antiga canta  
Que outro valor mais alto se alevanta.

C. I E. 3.

**Valor portuguez**

De nada a forte gente se temia.

C. I E. 97.

Comecem a sentir o peso grosso  
(Que pelo mundo todo faça espanto)  
De exercitos, e feitos singulares  
De Africa as terras e do Oriente os mares.

C. I E. 15.

Que eu vos prometto, filha, que vejais  
 Esquecerem-se gregos e romanos  
 Pelos illustres feitos, que esta gente  
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

C. II E. 44.

Novos mundos ao mundo irão mostrando.

C. II E. 45.

Não vos hão de faltar, gente famosa,  
 Honra, valor e fama gloriosa.

C. X E. 74.

### Velhice

Vão os annos descendo, e já do estio  
 Ha pouco que passar até o outono.

C. X E. 9.

### Verdade

E tudo, sem mentir, puras verdades.

C. V E. 23.

A verdade que eu conto nua e pura,  
 Vence toda grandiloqua escriptura.

C. V E. 89.

## Viagem

As velas manda dar ao largo vento.

C. I E. 95.

## Vida

Oh! caminho da vida nunca certo!  
Que aonde a gente põe a sua esperança,  
Tenha a vida tão pouca segurança.

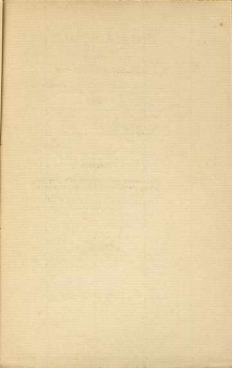
C. I E. 105.

## Vingança

Vós, a quem mais compete esta vingança  
Que esperais? Porque a pondeis em tardança?

C. V E. 31.





# Obras de A. Thomaz Pires

---

Cancioneiro popular politico. — 1.<sup>a</sup> edição. Elvas—  
1891. — ESGOTADO.

Setecentas comparações populares alemtejanas. — Re-  
colhidas da tradição oral. Espozende, 1892.

Calendario rural. — Dictados relativos aos mezes  
comparados com os dictados similares de varios pai-  
zes romanicos. Elvas, 1893.

Notas historico-militares. — (Da «Guerra velha» até  
á Invasão franceza) — Extractos de varias cartas coé-  
vas. Elvas, 1898.

Materiaes para a historia da vida urbana portugueza. —  
A mobilia, o vestuario e a sumptuosidade nos secu-  
los XVI a XVIII. Lisboa, 1899. (Separata) ESGO-  
TADO.

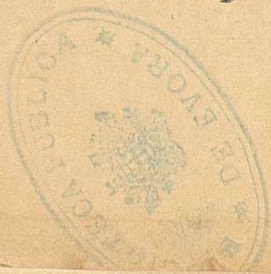
Catalogo do Museu Archeologico da Camara Muni-  
cipal d'Elvas. — Lisboa, 1901. (Separata) ESGOTADO.

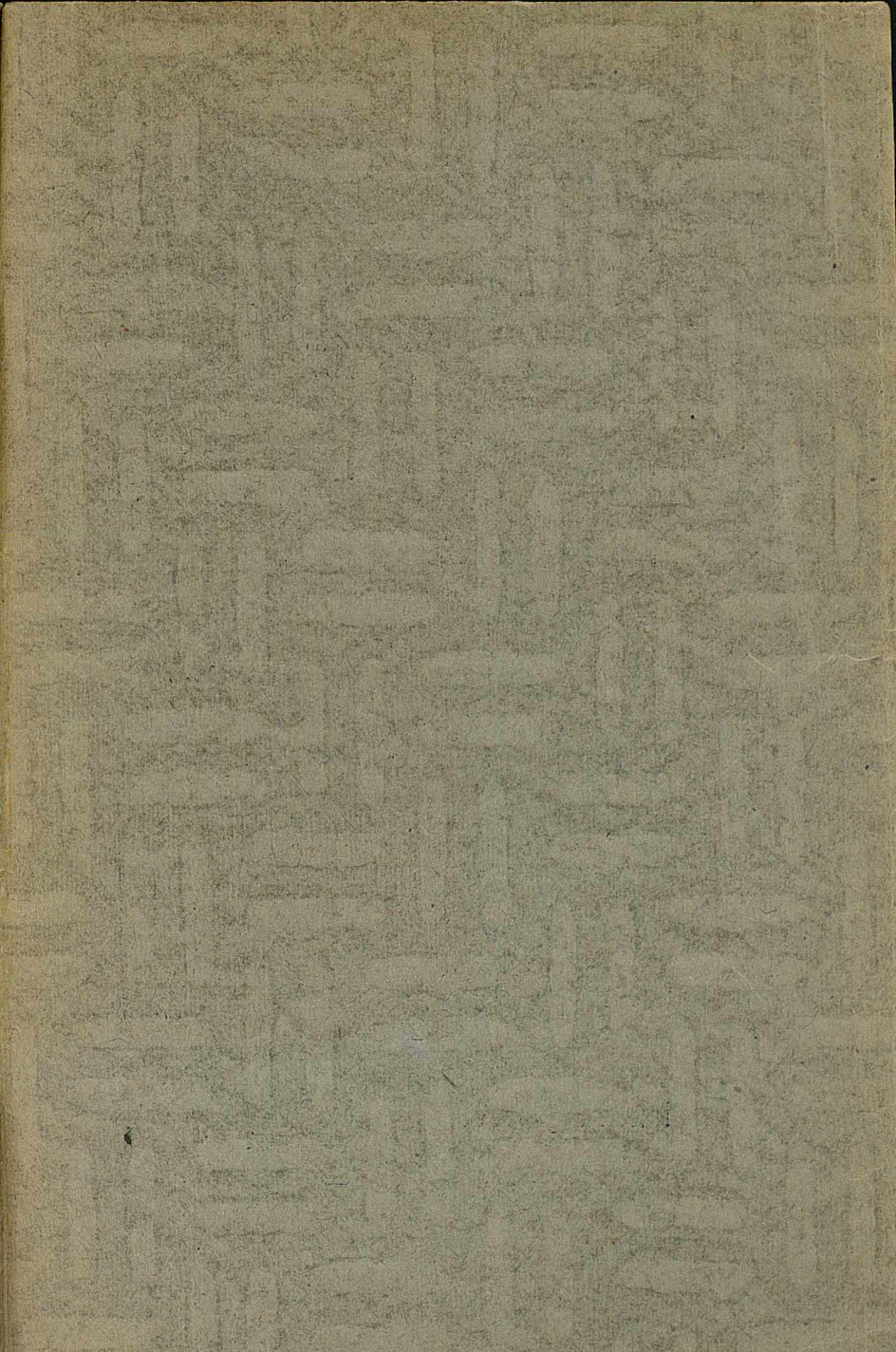
Cantos populares portuguezes. — Recolhidos da tra-  
dição oral e coordenados. Elvas — 1.<sup>o</sup> volume, 1902;  
2.<sup>o</sup> volume, 1905, 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> volumes no prelo.

Estudos e Notas elvenses. — I *O S. João d'Elvas*.  
II *A entrega da praça d'Elvas a Philippe II de Cas-  
tella em 1580*. III *A igreja do Senhor Jesus da Pieda-  
de*. IV *O casamento de Luiz José de Vasconcellos e  
Azevedo*. V *Amuletos alemtejanos*. VI *A noite de Na-  
tal, o Anno Bom e os Santos Reis*. VII *Vasco de Lo-  
beira*. VIII *Garcia da Orta*. Elvas, 1904-1905. — **Em  
publicação:** IX *Os antigos Gamas d'Elvas*. X *O Cor-  
covado*.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

**Antonio José Torres de Carvalho — ELVAS**





## Obras do Dr. Francisco de Paula Santa Clara

Ode sapphica — *Conimbricæ. Typis Academicis MDCCCLVII* 1. folh in 8.º—7 pag. . . . . 100 reis

Ensaos poetico-latinos — *Coimbra. Imprensa da Universidade—1860* In 8.º XIII—95 pag. . . . . 300 reis

Metri Asclepiadei specimen auditoribus, latinæ consuetudinis adsequendæ cupidus — *Conimbricæ. Typographia Litteraria—1870.* In 8.º—10 pag. . . . . 100 reis

Imitação do episodio do canto terceiro dos Lusíadas, immortal poema de Luiz de Camões, em versos latinos — *Coimbra. Imprensa Litteraria—1875* In 8.º 64 pag. 400 reis

Imitação das estancias 118 e 119 do livro terceiro dos Lusíadas, immortal poema de Luiz de Camões, em versos latinos — *Coimbra Imprensa Litteraria—1876.* In 8.º—8 pag. . . . . 200 reis

A Ilha dos Amores. *Elegantissimas estancias do canto IX dos Lusíadas, paraphraseadas em versos latinos, por Francisco de Paula Santa Clara—Evora Typ. Miner. va, 1882.* In 4.º XII—46 pp 2 fl. inv. . . . . 400 reis

Indice dos chantres da Sé d'Elvas, fundamentado em documentos authenticos e ineditos — *Elvas, Typ. Elvensæ de Samuel F. Baptista 1887* In 8.º—76 pag. 200 reis

CAMONEANA. Carta do doctor Francisco de Paula Santa Clara ao doctor Pereira Caldas sobre a versão d'um soneto de Camões. — *Elvas—Typographia e Stereotypia Progresso 1904* In 8.º—8 pag. . . . . 1.000 reis

O Deado da Sé d'Elvas — *Elvas Typographia e Stereotypia Progresso 1905.* In 8.º—3 ff. pr. inn 117 pg 2 ff. ut. . . . . 400 reis

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

**Antonio José Torres de Carvalho—ELVAS**